



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

SEBASTIÃO MARCOS FERREIRA GOMES

**A MÚSICA REGIONALISTA NORDESTINA COMO CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DO POVO NORDESTINO**

CAMPINA GRANDE – PB
FEV/2015

SEBASTIÃO MARCOS FERREIRA GOMES

**A MÚSICA REGIONALISTA NORDESTINA COMO CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DO POVO NORDESTINO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado de Educação – PB, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista. Com concentração na Linha de Pesquisa. Linha de Pesquisa – Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas.

Orientadora: Prof. Dr^a. Maria Lindaci Gomes de Souza

CAMPINA GRANDE – PB
FEV/2015

FICHA CATALOGRAFICA

G633m Gomes, Sebastião Marcos Ferreira
A música regionalista nordestina como construção da
identidade do povo nordestino [manuscrito] / Sebastião Marcos
Ferreira Gomes. - 2015.
32 p.

Digitado.
Monografia (Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas
Interdisciplinares EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-
Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2015.
"Orientação: Profª. Maria Lindaci Gomes de Souza,
Departamento de História".

1. Música Nordestina. 2. Luiz Gonzaga. 3. Cultura
Nordestina. I. Título.

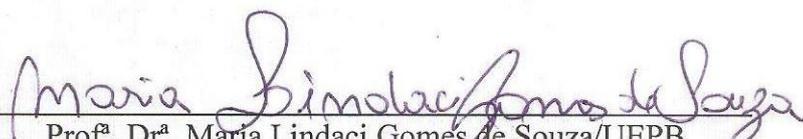
21. ed. CDD 780.8

SEBASTIÃO MARCOS FERREIRA GOMES

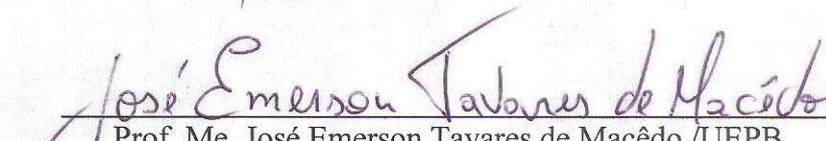
**A MÚSICA REGIONALISTA NORDESTINA COMO CONSTRUÇÃO
DA IDENTIDADE DO POVO NORDESTINO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 28/02/2015


Prof. Dr. Maria Lindaci Gomes de Souza/UEPB
Orientadora


Prof. Me. Alberto Edvanildo Sobreira Coura /UEPB
Examinador


Prof. Me. José Emerson Tavares de Macêdo /UEPB
Examinador

DEDICATÓRIA

Aos meus pais José Luiz Gomes (In-memorian) e Maria Ferreira Gomes que sempre investiram e acreditaram no meu sucesso.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus que me deu a vida e sempre está comigo me ajudando a trilhar meus caminhos e me deu a oportunidade de concluir este trabalho.

A todos os professores que ministraram aula na turma em que eu participei e que de certa forma contribuiu para construção desse trabalho.

A minha orientadora a professora Maria Lindaci Gomes de Souza pela orientação desse trabalho.

E por fim, aos colegas da turma pelos momentos de amizade e apoio.

RESUMO

Atualmente nas escolas, pouca visibilidade se dá a música nordestina tradicional, que traduziu o povo desta região no contexto nacional, seus ritmos, suas culturas e suas formas de viver. Entre os estilos nordestinos que se destacam no contexto da cultura regional estão àqueles desenvolvidos na musicalidade de Luiz Gonzaga. Este artista produziu uma série de canções que são ícones da música nordestina, identificando as práticas culturais deste povo. No contexto da escola, torna-se fundamental, a partir da educação musical, ensinar aos alunos, sobre a importância da cultura nordestina através da rítmica da música de Luiz Gonzaga. Neste trabalho, nosso objetivo, é discutir a contribuição da música regionalista na construção da identidade do aluno e destacando, através das canções “A triste partida e Asa Branca” de Luiz Gonzaga como ferramenta metodológica possível de se trabalhar em sala de aula. O nosso caminho metodológico adotado neste estudo se insere na perspectiva de uma pesquisa bibliográfica a partir de autores que tratam da importância da música para o ensino como também aqueles que destacam sobre as músicas regionalista de Luiz Gonzaga e os conceitos de região e cultura nordestina.

Palavras chave: Luiz Gonzaga. Música. Nordeste.

ABSTRACT

Currently in schools, poor visibility is given to traditional northeastern music, which led the people of the region in the national context, their rhythms, their cultures and their ways of living. Among the northeastern styles that stand out in the context of regional culture are those developed in the Luiz Gonzaga musicality. This artist produced a series of songs that are icons of northeastern music, identifying the cultural practices of the people. In the school context, it is essential, from the musical education, teaching students about the importance of the Northeastern culture through rhythmic music of Luiz Gonzaga. In this work, our goal is to discuss the contribution of regionalist music in the building of the student and highlighting through the songs "The sad departure and Asa Branca" Luiz Gonzaga as possible methodological tool to work in the classroom. Our methodological walk adopted in this study falls within the perspective of literature from authors who discuss the importance of music for teaching as well as those who stand on the regionalist music of Luiz Gonzaga and the concepts of region and northeastern culture.

Keywords: Luiz Gonzaga. Music. Northeast.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I - A TRAJETÓRIA DO COMPOSITOR LUIZ GONZAGA: A SUA HISTÓRIA DE VIDA ATRAVÉS DA MÚSICA	12
1.1 A história de vida de Luiz Gonzaga.....	12
1.2 A riqueza didática da obra de Luiz Gonzaga.....	13
CAPÍTULO II - A MÚSICA REGIONALISTA NORDESTINA COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO NORDESTINO	16
2.1 A região e a cultura nordestina.....	16
2.2 A seca como fonte e discussão do nordeste.....	19
CAPÍTULO III – A CONTRIBUIÇÃO DAS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA PARA O ENSINO EDUCACIONAL	21
3.1 A história da música brasileira.....	21
3.2 Temas abordados por Luiz Gonzaga em suas canções.....	22
3.3 As músicas de Luiz Gonzaga como proposta metodológica de ensino.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
REFERÊNCIAS	32

INTRODUÇÃO

Ao verificar através de anos em sala de aula, o descaso do ensino da Arte e de História contemplando a região Nordeste nas escolas paraibanas. É estarrecedor as transgressões passadas erroneamente por alguns profissionais da educação, em relação à disciplina, levando o aluno a desmotivação e a chacota.

Entendemos que a proposta de trabalhar com a música na sala de aula é favorável e que existe uma aceitação por parte dos discentes. Os próprios PCN's relatam em um dos seus critérios a ser alcançado que a música tem tudo haver com o momento histórico vivido.

A música foi introduzida na grade curricular brasileira em 1854 por Decreto. Em 1961 a LDB (Lei de Diretrizes e Bases) substituiu o canto orfeônico (projeto preparado pelo compositor Heitor Villa Lobos na década de 30) pela Educação Musical nas grades curriculares das escolas brasileiras. Todas as escolas públicas e privadas do Brasil devem incluir o ensino de música em suas grades curriculares. Lei Nº11. 769 de 18 de agosto de 2008.

Objetivando o desenvolver a criatividade, a sensibilidade e a interação dos alunos. A música é universal e por ser universal também é responsável pelo crescimento e amadurecimento do aluno. A música por contemplar a questão da diversidade cultural no que diz respeito a valores e identidade, torna-se inclusiva o que leva o indivíduo a refletir mais sobre o que diz as letras das canções, essa arte oferece ainda, a possibilidade de contato com toda a riqueza e profusão de ritmos do Brasil.

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos, é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula.

A razão pelo qual abordamos o tema é a busca pela construção do indivíduo a partir da sua pluralidade cultural adquirida na tentativa de despertar conhecimentos sobre a realidade nordestina, os preconceitos que são construídos e identidade cultural do homem, através das músicas de Luiz Gonzaga.

Este estudo promoverá quebras de paradigmas em relação à grade curricular nas escolas nordestinas. É através da música que discutiremos através da memória coletiva a tentativa de transformação do indivíduo enquanto sujeito passivo para torna-se protagonista na construção da identidade cultural em sala de aula, objetivando o desenvolvimento do aluno.

Destacamos a importância em abordar novos temas e conceitos de grande valia para o conhecimento dos discentes que frequentam o nível fundamental da Escola Pública. O referente estudo irá propiciar ao indivíduo uma reflexão na sua construção cultural, contribuindo no seu crescimento cultural através da música regionalista nordestina, pois a partir do momento que ele conhece a sua suposta identidade, ele acaba se identificando e defendendo as suas tradições e raízes.

As riquezas das músicas de Luiz Gonzaga são imensuráveis, pois traz consigo uma carga de tamanho valor, mesmo empiricamente os conteúdos didáticos utilizados dentro do âmbito escolar, com isso toda sua obra acaba contribuindo para que os alunos tenha uma compreensão significativa do regionalismo, visto que o rei do baião coloca tais temas dentro de suas canções numa linguagem popular extremamente acessível ao alunado.

Outra reflexão que devemos destacar é a de que não basta incorporar a música sem ter um sentido para os alunos, por esse motivo devemos ressaltar e questionar os professores que se utilizam dessa ferramenta no ensino é que tipos de músicas estão levando para o alunado? Que estilos musicais estão abordando? E o que estão ensinando aos alunos com a música?

Refletindo sobre esses pontos, o que tem que ser levado em consideração é que a música deve fazer sentido para os alunos e, além disso, o contexto social dos educandos deve ser considerado. Sendo assim, será mais fácil entenderem e compreenderem o motivo de trabalharem com essa modalidade na sala de aula e conseqüentemente obterem uma boa aceitação por parte da clientela e atingirem os objetivos traçados pelo docente.

Nesta perspectiva, a proposta do nosso trabalho é discutir a contribuição da música regionalista na construção da identidade do aluno, apontando através das canções de Luiz Gonzaga o nordeste como lugar de saudade, de pessoas idôneas e de muita fé em se tratando do seu lugar social, o nordeste.

Resolvemos propor um trabalho que irá trazer a tona vários questionamentos em relação à música Regionalista como construção da identidade do povo nordestino, em uma releitura das músicas “A Triste Partida e Asa Branca” de Luiz Gonzaga, na Escola Monte Carmelo no bairro do Pedregal em Campina Grande, tendo como público alvo as turmas do ensino Fundamental II, dos turnos tarde e noite.

A música sendo trabalhada como ferramenta metodológica a partir da proposta da interdisciplinaridade, possibilita um caminhar que conjuga varias áreas do conhecimento, contribuindo para o dialogo com a história, arte, antropologia, português, geografia entre outras, enriquecendo assim, a proposta metodológica de conteúdos que podem ser desenvolvidas em sala de aula.

A música regionalista como construção da identidade do povo nordestino é uma releitura das obras de Luiz Gonzaga, será de total relevância para o ensino aprendido na construção do indivíduo a partir da pluralidade cultural registradas nas obras de Luiz Gonzaga, através dos fatos e casos da região e população do nordeste.

O nosso caminhar metodológico adotado neste estudo se insere na perspectiva de uma pesquisa bibliográfica a partir de análise de autores que tratam da música nordestina. Será enriquecida também através da musicografia, a partir da sonoridade das músicas e CDs das canções populares da qual Luiz Gonzaga aparece como interprete, de revistas que de forma indireta contribuíram para fortalecer a temática, como também de iconografias que tratam do nosso protagonista principal Luiz Gonzaga, assim como do lugar social do nosso interprete.

Para uma compreensão didática do nosso trabalho, o mesmo estrutura-se em três capítulos, no primeiro faremos uma discussão em torno da história de vida de Luiz Gonzaga e sobre a conjuntura de sua obra.

No segundo capítulo trataremos, através de uma abordagem conceitual sobre região e cultura nordestina, bem como sobre a seca.

No terceiro e ultimo capítulo faremos uma breve discussão sobre a história da musica brasileira, trataremos sobre a representação do imaginário social nordestino nas músicas de Luiz Gonzaga “A triste partida e Asa Branca”. E por fim uma discussão sobre a utilização da musica regionalista como proposta metodológica de ensino.

CAPÍTULO I - A TRAJETÓRIA DO COMPOSITOR LUIZ GONZAGA: A SUA HISTÓRIA DE VIDA ATRAVÉS DA MÚSICA

1.1 A história de vida de Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga do Nascimento, compositor, cantor e instrumentista nascido em Exu, na Serra do Araripe no estado de Pernambuco em 13 de dezembro de 1912, nome recebido da sua mãe, por ter nascido no dia de Santa Luzia (padroeira dos olhos), falecido na cidade do Recife PE em 02 de agosto de 1989 (e no seu sepultamento compareceram mais de vinte mil pessoas que cantaram Asa Branca quando o caixão descia a sepultura às quatorze horas e cinquenta minutos, uma data que ficou marcada na vida de muitos brasileiros).

Gonzaga era filho de um lavrador, consertador de acordeom além de um excelente tocador de 08 baixos, de nome Januário José dos Santos e da agricultora e dona de casa Ana Batista de Jesus (descendente do Barão de Exu). Desde cedo já acompanhava seu pai tocando em bailes, forrós e feira.

Em 1930, fugiu de casa e foi para fortaleza CE onde ingressou como recruta do 23º Batalhão de Caçadores como corneteiro 122 (conhecido como bico de aço) em plena revolução. O seu querer era se firmar na vida como homem trabalhador e “dono do seu próprio destino”. Para ele foi uma das fases mais importante de sua vida, foi quando realmente teve acesso às várias culturas que encontramos neste país e Luiz Gonzaga pode levar seu talento e sua cultura para várias regiões.

No ano de 1939 pediu dispensa do exército e foi morar no Rio de Janeiro com sua primeira sanfona nova e tocava em festas na Lapa ou se apresentava nas ruas passando o chapéu para arranjar alguns trocados. O homem simples não tinha vergonha de se apresentar na rua. Foi assim, longe dos holofotes, longe dos palcos que ele começou sua trajetória no Rio de Janeiro, tocando na rua, apenas um estranho, apenas mais um entre muitos que buscavam ganhar algum dinheiro para sobreviver na cidade maravilhosa.

Seu talento era muito grande e logo começou a participar de programas de calouros a exemplo do programa de Ary Barroso na Rádio Nacional finalmente ganhou o primeiro lugar com sua música Vira e Mexe. Já nesta época Luiz Gonzaga atraía a atenção das pessoas, já tocava bem melhor, sua voz inconfundível dava nova tonalidade às canções e o ritmo não deixava ninguém ficar parado e tudo isto despertava a atenção das pessoas e começava já a chegar também nas rádios.

No ano de 1943, ainda na rádio Nacional começou a se vestir de vaqueiro nordestino e começou a parceria com Miguel Lima. Transformando a música Vira e Mexe em chamego que obteve bastante sucesso, recebendo nesta época o apelido de Lua do amigo Paulo Gracindo. Com Miguel Lima ele compôs várias músicas de sucesso, como Dança Mariquinha, Cortando Pano, Penerô Xerém, Dezessete e Setecentos, gravados pelo sanfoneiro e cantor alcançando bastante sucesso.

Depois começou a parceria com Humberto Teixeira um dos parceiros que compuseram os sucessos como Baião, Meu Pé de Serra, Juazeiro entre outras. Uma das músicas mais conhecidas que se tornou o ícone da música brasileira, Asa Branca, um hino ao seu povo sofrido do nordeste brasileiro, é difícil encontrar alguém que não se emocione ao ouvir Asa Branca, principalmente cantada por Luiz Gonzaga.

Casou-se no ano de 1948 com Helena das Neves quando já tinha assumido a paternidade de Gonzaguinha, seu filho com a cantora Odaléia. Já no ano de 1950 fez parceria com Zé Dantas e fizeram sucesso como A volta da Asa Branca e Cintura Fina. Depois deste ano, começou novamente a fazer shows pelo interior do país continuando muito popular. Neste período Luiz Gonzaga já era bem mais conhecido e seus shows estavam sempre lotados por onde passava e o sucesso era garantido.

Depois da morte de Zé Dantas, fez parceria com Hervê Cordovil, João Silva e outros, gravando Triste Partida um dos seus grandes sucessos, ganhou o apelido de Rei do Baião dos cidadãos paulistas e até hoje é conhecido como tal. Luiz Gonzaga, o Rei do Baião, não parou mais de fazer sucesso e se tornou um dos artistas mais conhecidos e respeitados do Brasil.

Gravou nos anos 80 com cantores de grande sucesso no panorama nacional como, Raimundo Fagner, Dominginhos, Elba Ramalho, Milton Nascimento entre outros conseguindo alavancar ainda mais sua carreira. Ao todo Luiz Gonzaga conseguiu gravar 675 músicas, de sua própria autoria e em parceria. Recebeu no ano de 1984 o primeiro disco de ouro com a música Danado de Bom, outro grande sucesso.

Destacamos ainda que Luiz Gonzaga foi “o único a gravar músicas iniciando com todas as letras do alfabeto, de A a Z, incluindo o K, Y e o W”.

1.2 A riqueza da obra de Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga assimilou toda poesia da cultura nordestina, e, desde cedo, se habituou a tocar as músicas do seu povo. A partir de uma participação no programa de calouros de Ari Barroso e de sua primeira gravação em 194, Luiz Gonzaga nunca mais parou.

Gonzaga compôs muitas melodias, todas com letras bem brasileiras e populares, que falam do jeito de ser e da vida da gente do sertão nordestino. Além de ser muito importante para a música popular brasileira, Luiz Gonzaga situa-se como um ponto marcante de identidade do homem sertanejo, sendo um dos melhores interpretes das alegrias, do sofrimento e das festas tradicionais do povo nordestino, motivo este porque se enquadra como uma das possibilidades de análise dos problemas sociais e econômicos do povo nordestino, fazendo o aluno refletir e pensar criticamente sobre sua região nordeste.

A seu respeito e sua obra, Vieira (2000, p.14) afirma:

A narrativa da música de Luiz Gonzaga, no seu conjunto, passa por muitos caminhos, através dos quais, como se viu antes, vai descrevendo costumes, reativando crenças e valores, tipificando personagens, enfim, vai interpretando práticas e princípios constitutivos de um universo cultural onde o verossímil e o “idealizado” se misturam. Tem-se nesse sentido, um “sertão da partida”, que cruza, aqui e ali, por vezes numa mesma canção, com um sertão de saudade.

Portanto a obra de Gonzaga deverá preencher uma lacuna dentro da escola, lacuna esta da valorização da cultura nordestina. A escola deverá necessariamente mudar sua relação com a mídia, através de uma atitude multiculturalista, que inove o ensino e que saia dos seus muros e busquem outros mundos através de novas práticas extracurriculares.

O acesso ao acervo do Rei do Baião vai trazer o que já é familiar dos alunos, para dentro do conteúdo didático. Uma música pode ser o pretexto para introduzir um assunto. Pois, além de ser uma atividade prazerosa, pode contribuir para o enriquecimento cultural e crítico. Como disse o mestre folclorista Cascudo (1992, p. 21)

Luiz Gonzaga é um documento da cultura popular. Autoridade da lembrança e idoneidade da convivência. A paisagem pernambucana, águas, matos, caminhos, silêncio, gente viva e morta. Tempos idos nas povoações sentimentos voltam a viver, cantar e sofre quando ele põe os dedos no teclado da sanfona de feitiço e de recordação.

Entre suas composições mais conhecidas estão: Asa Branca, Juazeiro, Assum Preto, Cintura Fina, A Volta da Asa Branca, Boiadeiro, Paraíba, Respeita Januário, Olha Pro Céu, São João do Carneirinho, São João na Roça, O Xote das Meninas, ABC do Sertão, Racho do Navio, Karolina com K, Derramaro o Gais, A Feira de Caruaru, Dezesete e Setecentos, A morte do Vaqueiro, Ovo de Codorna, Forró nº 1, Vozes da Seca, Triste Partida, Algodão dentre outras.

Todas essas músicas e outras mais apresentam nas suas letras aspectos interdisciplinares, aspectos biológicos, linguísticos, políticos, gramaticais, geográficos,

históricos, artísticos, sociológicos, filosóficos, antropológicos. Pode nesse sentido, se caracterizada como um banho de conteúdos que irá muito facilitar o ensino aprendizagem, “as tradições identidades e ideologia que a definem, para além das implicações estéticas mais abstratas, como um objeto sociocultural complexo e multifacetado.” (DONAS, 2004, p.77).

Luiz Gonzaga foi um grande expoente nessa valorização da cultura regional nordestina, levada pelo Brasil afora e chegando até a Europa. (França) as obras Gonzagueana apresentadas aos indivíduos servirão como parâmetro para a valorização e preservação da cultura.

A sua música tem o dom de chegar mais longe, e por ela chegar mais longe, ela trás toda a carga de emoções adquirida ao longo da vida e emoções tais como: religiosa, social, política e cultural. “A música é um poderoso meio de narrativa, que explora aos diversos ângulos” (NAPOLITANO, 2005, p.17).

A musicalidade Gonzagueana, servirá de apreciação para que o aluno possa preservar sua história e identificar com a música regionalista, aonde o indivíduo possa construir seu aprendizado, usando os meios musicais encontrados nas canções de Luiz Gonzaga.

Portanto, essas tradições de identidades serão mantidas vivas em seu colóquio de aprendizagem. Há um tipo de inteligência criadora, ela inventa o novo e introduz no mundo algo que não existia. Quem inventa não pode ter medo de errar, pois vai se meter em terras desconhecidas ainda não mapeadas. Há um sofrimento com velhas rotinas, o abandono de maneiras de fazer e pensar que a tradição cristaliza.

CAPÍTULO II - A MÚSICA REGIONALISTA NORDESTINA COMO CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO POVO NORDESTINO

2.1 A região e a cultura nordestina

O que define uma região? Seus aspectos físicos, econômicos, sociais, culturais, identitários, seus limites políticos? A região, ou melhor, a definição de uma região sempre foi um (ou no) campo de batalha e não seria diferente no terreno epistemológico.

A briga pelo campo científico da região nordeste, coloca em disputa teórica, geógrafos, economistas, historiadores, etnólogos, sociólogos, cada um construindo dogma em relação a uma verdade imutável, acreditando serem seus critérios os mais importantes para definirem uma região. Para Bourdieu (1989, p.108) “a região é o que está em jogo como objeto de luta entre os cientistas, não só geógrafos, é claro, que por terem que ver com o espaço, aspiram ao monopólio da definição legítima, mas também historiadores, etnólogos (...) movimentos “regionalistas”, economistas e sociólogos (...)”.

A ideia de região como conceito começou a ser desnaturalizada e partir das produções científicas do movimento regionalista, onde, em Bourdieu, por exemplo, o conceito de região é transformado em objetos de lutas que caracteriza essa disputa ideológica entre regiões de um país, e isso passa a refletir na obra literária da época. Segundo Bourdieu, os detentores da autoridade seriam aqueles que exerciam o poder que ele nomeou de “regere sacro” e “regere fine”, que representaria o território da região totalmente sacralizado e a consequente concepção de suas representação objectais e mentais, naturalizadas pelos representantes políticos.

Bourdieu enxerga a região como espaço construído historicamente, onde os representantes mais poderosos economicamente impõem sua ideologia e assumem o controle através desse discurso dominante, no caso da obra literária *Menino de Engenho*, trata-se de uma época em que a produção de café a muito já havia superado a do açúcar, em que o povo nordestino vivia da maneira mais difícil possível, com o mínimo de comida para a sua sobrevivência, e altamente dependente do Senhor de Engenho para garantir sua sobrevivência.

A região nordeste do território brasileiro é composta pelos estados de Alagoas, Bahia, Maranhão, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte e Sergipe. Estas regiões apresentam grande pluralidade cultural, com elementos diversificados. O período de colonização foi o grande responsável por essa pluralidade, os africanos, os indígenas (que já existia no país) e

os europeus que trouxera uma cultura diferente e nos empurrou de goela abaixo, todos deram o tom dessa miscigenação de raças e culturas.

A escrita da história regional ou local é, neste sentido, não apenas um trabalho de reapresentação da região, um trabalho de explicação do regional, mas é um trabalho de elaboração do regional, de ressignificação, de atualização do sentido que a região possa ter, é um trabalho de invenção ou reinvenção do regional ou do local.

Para o historiador Antônio Jorge Siqueira a região constitui-se em um espaço historicamente construído em favor de determinados grupos detentores da hegemonia local. O autor traz consigo a discussão da Nação, alicerçada e dominada pelos produtores de café, que se encontravam no Sul do Brasil no final do século XIX, na qual a base econômica superava o norte açucareiro que entrava em declínio.

Para Siqueira, a constante luta entre o Norte contra homogeneização do discurso sulista ganha um caráter de interpelação, quando as províncias que depois passaram a ser Estados do Norte, reivindicariam uma divisão igualitária de verbas. Mas, como essa interpelação seria validada? Seria validada através de vários aspectos discursivos e em fontes históricas que cristalizaria a identidade do nordestino.

Outra forma de pensar a região sustenta-se através da imagem geológica, mais do que geográfica do tempo, mal se disfarça. As mudanças se dão por camadas e aquelas que efetivamente importam são as mutações estruturais, mais profundas e mais difíceis de ocorrer. A região tal como aparece tematizada e pensada na historiografia dos Annales não está muito distante da região freyreana, onde também se faz sentir a presença de uma visão comunitária de região e de um tempo mais viscoso e lento, uma região marcada pelo tempo da tradição, da permanência, da semelhança e da continuidade. Mattoso sintetiza assim o que seria uma região e como o autor de uma monografia regional deveria tratar da questão da periodização:

Uma estrutura regional ou local depende do espaço geográfico onde se inscreve, da maneira como seus habitantes se distribuem, reproduzem e organizam, sobretudo do sistema de poderes constituídos e das áreas onde eles se exercem, e da sua eventual relação com a produção cultural mesmo nas suas expressões mais gratuitas. No decurso da exposição referi-me várias vezes aos elementos que demonstravam as tensões e equilíbrios alcançados e as conseqüentes alterações do sistema. Ao expor os resultados da sua investigação, o autor da monografia terá de acentuar os períodos para os quais são válidos os dados referidos. Mas é também preciso reunir num capítulo à parte os elementos cronológicos, para reconstituir a evolução global. (MATTOSO, 1988, p.177)

A identidade regional não é dada pelo espaço onde se nasce, ela emerge de um trabalho de subjetivação, ela é a constituição de uma dada subjetividade através das relações sociais e da incorporação consciente ou não das narrativas que definem este ser regional.

Segundo Durval Muniz Albuquerque Jr.(2006, p. 25), “a noção de região, antes de remeter à geografia, remete a uma noção fiscal, administrativa, militar, vem de regere, comandar”. Longe de nos aproximar de uma divisão natural do espaço ou mesmo de um recorte do espaço econômico ou de produção, a região se liga diretamente às relações de poder e sua espacialização.

No que diz respeito ao conceito de cultura é um dos principais nas ciências humanas, a ponto de a Antropologia se constituir como ciência quase somente em torno desse conceito. Na verdade, os antropólogos, desde o século XIX, procuram definir os limites de sua ciência por meio da definição de cultura. O resultado é que os conceitos de cultura são múltiplos e, às vezes, contraditórios.

O significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideais e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica.

Trabalhar com a rica gama de significados do conceito de cultura dá aos educadores uma importante ferramenta contra o preconceito, pois esse é derivado principalmente do etnocentrismo. Uma estratégia possível para as salas de aula é trabalhar com os alunos elementos de culturas diferentes da nossa, como as sociedades africanas ou indígenas, japonesa, regionalistas etc., expondo como cada uma dessas culturas corresponde a respostas a seus próprios problemas e tem significado para os seus membros.

Essa estratégia tem outra vantagem, que é a possibilidade de se discutir a diversidade cultural e estimular o respeito à diferença. Assim, vale lembrar que um dos principais objetivos de trabalhar com esse conceito nos níveis Fundamental e Médio é a necessidade de se combater o etnocentrismo.

Em relação à música popular nordestina agregou parte dos ritmos da cultura do negro escravizado no que diz respeito “a música de Luiz Gonzaga é dirigida, sobretudo, ao migrante nordestino radicado no sul do país e ao público das capitais nordestinas que podia consumir discos”. (OLIVEIRA, 1991, p.10).

A cultura nordestina trás consigo aspectos didáticos bastante trabalhados dentro do âmbito escolar e o precursor na exaltação dessa cultura são as obras de Luiz Gonzaga que é o retrato do grande homem sertanejo, que cantou o nordeste como nenhum outro, e se fez tornar uma lenda viva, um indivíduo de excepcional talento musical e personalidade única, que soube tratar das coisas da sua terra com maestria, seu pé de serra “a música de Gonzaga fala de uma terra que se entranha na alma e no corpo do ouvinte”. (OLIVEIRA, 1991, p.17), apesar de todo preconceito social contra o nordestino, que ainda hoje impera em outras regiões do país, ele encantou, cantou e divulgou a cultura popular do nordeste e conseguiu divulgar essa cultura com autenticidade e a sua fidelidade às raízes nordestinas.

A música de Gonzaga vai ser pensada como representante desta identidade regional. “O que marginalizou a música feita por Luiz Gonzaga foi ter se identificado com uma música regional, como expresso de uma região que era vista como o espaço atrasado, fora de moda, do país, região marginalizada pela própria forma como se desenvolveu a economia do país e como foi gestada discursivamente”. (OLIVEIRA, 1991, p.22).

2.2 A seca como fonte e discussão do nordeste

Os pequenos índices pluviométricos anuais e a possibilidade de ocorrência de estiagens mais prolongadas que o normal constituem traços marcantes e diferenciadores da natureza semi-árida nordestina. A paisagem que surge da associação entre o clima tropical semi-árido e a estrutura geológica possui traços bastante singulares na ampla gama de aspectos da natureza brasileira.

No entanto, justamente por ser a natureza um componente banal do cotidiano social, é importante compreender em que momento e sob que condições ela se torna um “espaço discursivo”, ou seja, é reconhecida como participante de um discurso que altera seu status, transformando-a em causalidade e sujeito num dado território. No caso particular do território semi-árido da Região Nordeste houve esta transferência de sentido, substituindo-se o léxico (seca) pela semântica (significado), criando-se um conjunto de expressões metafóricas que substituíram o enunciado da seca fenômeno climático pela enunciação da seca como tragédia.

A seca é descoberta em 1877 e com ela surge à grande indústria mercenária para os políticos do nordeste. O discurso da seca e sua indústria passam a ser a atividade mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados do Nordeste, tornando-se a grande arma no discurso político regionalista nordestino.

A imagem da seca do nordeste passa a ser pensada e repensada sempre a partir da seca e do deserto que assola algumas áreas do nordeste, um nordeste onde de espaço em espaço surge o deserto ácido e triste e sobre ele se arrastando longos, erguias e sinuosas os caminhos feitos pelos pés dos homens pelo rastro dos animais, esqueléticos, movendo os ossos num ruído descontraído, esta era a visão de muitos em relação ao nordeste, o nordeste era visto como palco de crenças primitivas de miséria e de fome constante, onde ao mesmo tempo o nordestino era vitimado pela fúria de um poder público, oligárquico que conseguia inventar uma região doentia, insuportável, uma fonte inesgotável de renda para os dominadores sociais. (MATTOSO, 1988, p.197)

Como se refere Albuquerque Jr. (2006, p.05): “se as secas sempre existiram, o nordeste terra das secas, também sempre estivera lá. Ela era a garantia da continuidade e da eternidade deste espaço regional, mesmo que fosse à desgraça e na miséria”. Seguindo ainda a ideia de raciocínio desse autor ele afirma que

Existe uma realidade múltipla de vidas, histórias, práticas e costumes no que hoje chamamos Nordeste. É o apagamento desta multiplicidade, no entanto, que permitiu se pensar esta unidade imagético-discursiva. Por isso, o que me interessa aqui não é este Nordeste “real”, ou questionar a correspondência entre representação e realidade, mas sim, a produção desta constelação de regularidades práticas e discursivas que institui, faz ver e possibilita dizer esta região até hoje. Na produção discursiva sobre o Nordeste, este é menos um lugar que um topos, um conjunto de referências, uma coleção de características, um arquivo de imagens e textos (ALBUQUERQUE JR. 2006, p. 129, grifos do autor).

Enquanto o litoral acompanhava de perto a evolução do velho mundo, o sertão, por falta de contato conservava a herança cultural dos antigos colonizadores. Elegeu a coragem pessoal como a qualidade básica do homem. Surgiu o latifúndio, o coronel, o jagunço réplica das condições de Portugal medieval I - o feudo, o senhor feudal e o cavaleiro. Surge nesse cenário multicultural e medieval a figura de Luiz Gonzaga como interprete dessa gente, desse povo bom e ordeiro.

Este confronto sugere a reedição do dualismo conservador / moderno, que na Região Nordeste possui um caráter particular. Uma pista importante nos é dada por Durval M. de Albuquerque Jr. (2006, p.312) quando afirma que o Nordeste, é tal como foi nordestinizado, uma maquinaria de produção e de repetição de textos e imagens, que alcançaram consenso e foram agenciados pelos mais diferentes grupos e se tornaram verdades regionais.

Continuando, o autor situa na força dessa construção imagética o componente decisivo da falta de legitimidade social do valor da inovação na Região. Neste sentido, o imaginário regional baliza o novo, define seus contornos e impõe seus limites. No entanto, a subversão da seca como valor simbólico central do imaginário regional já começou quando o mito da Califórnia brasileira começa a ser forjado, com todas as suas contradições, é claro, mas seduzindo, progressivamente, atores sociais/políticos e transformando territórios.

CAPÍTULO III – A CONTRIBUIÇÃO DAS MÚSICAS DE LUIZ GONZAGA, COMO REPRESENTAÇÃO DO IMAGINÁRIO SOCIAL NORDESTINO

3.1 A história da música brasileira

A música brasileira abrange diversos períodos desde o período Colonial (D. João VI,) o romantismo, o indianismo, o modernismo, o contemporâneo, a vanguarda. A música brasileira é um resgate da música erudita e popular. “A cidade do Rio de Janeiro, uma das principais usinas musicais, teve papel fundamental na construção e ampliação desta tradição.”

Durante os séculos XIX e XX forjou-se ao longo desses séculos boa parte das formas musicais urbanas. O nordeste, como um todo (sobretudo Bahia, Pernambuco, Paraíba e Ceará), também desempenhou um papel importante, fornecendo ritmos musicais, formas poéticas e timbres característicos que se incorporam à esfera musical mais ampla, sobretudo a partir dos anos 30 e 40 do século XX.

O Brasil é sem dúvida, uma das grandes usinas sonoras do planeta e um lugar privilegiado não apenas para ouvir música, mas também para pensar música. O cancionista regionalista que nos apresenta Luiz Gonzaga é impar, de uma linguagem pura simples que se adequará aos padrões curriculares do Nordeste. A música sempre esteve associada às tradições e as culturas de cada época e Luiz Gonzaga levaram e preservaram estas tradições pelo Brasil afora.

Se observarmos a importância da música na vida da sociedade diremos que ambas cresceram juntas e que ambas podem produzir e mapear as camadas de sentidos embutidos numa obra musical, bem como suas formas de inserção na sociedade e na história.

O Rio de Janeiro é considerado com um dos principais celeiros do país na circulação da música. No século XIX, (após a abolição) vários nordestinos migram para o centro Sul do país, em sua maioria camponeses, retirantes. Após a década de 30 e 40, a aceitação da música popular advém, após a bossa nova.

Segundo Napolitano (2005, p.04) “Existem três momentos na formação da MPB: anos 20/30-Consolidação do samba. Anos 1954/1968-Mudança social do conceito da MPB”. Inicia-se com os compositores: Padre José Maurício Nunes Garcia, Antônio Carlos Gomes, Heitor Villa Lobos e Mozart Camargo Guarnieri. Rio celeiro principal do país na circulação da música.

A MPB tem um lugar sócio-geográfico que seria autêntico e legítimo quando mais próximo das classes populares, o morro e, posteriormente “o sertão”. A MPB tem uma origem

localizada, no tempo e no espaço, e seria tanto mais autêntica e legítima quanto fiel a este passado. Luiz Gonzaga não fugiu dessas características e nem deste contexto e principalmente de suas raízes. Segundo Napolitano (2005, p.07)

Em 1902, é introduzido no Brasil por Fred Figner e sua casa Edison o Registro Fonográfico responsável mais tarde pela rádio-fusão da MPB nordestina a partir das músicas de Luiz Gonzaga ao introduzir no sudeste do país suas músicas, consolidando assim o franco processo de expansão musical, sobretudo entre as classes populares e pobres do Brasil.

As canções brasileiras constituem um manancial de possibilidades, que veio com toda garra nas músicas de Luiz Gonzaga. Não foi o pioneiro, entretanto o mais completo, consciente e talentoso da música regional. Dizia Luiz Gonzaga: “Fui o primeiro a tocar o choro no acordeão”.

3.2 A representação do imaginário social nordestino nas músicas “A triste partida e Asa Branca”

O uso da música como fonte histórica torna-se inovador principalmente quando a mesma é tratada como um documento a ser lido e interpretado. No entanto, o professor ao tomar este caminho metodológico necessita de uma discussão mais aprofundada que envolve a questão do conteúdo, do contexto e dos aspectos sociais e culturais que se referem a imaginário social de um povo a serem trabalhados em sala de aula.

Analisando-a como representação do imaginário social é possível, perceber a circularidade cultural da música, um processo de mão dupla que funciona através do diálogo de conceitos e valores contidos na música, assim como o seu contexto. A música, portanto, não é real como nenhum documento é, mas, envolve percepções da realidade por tratar-se de uma forma de expressão da subjetividade que exige do leitor uma forma de inserção social, fato que pode provocar uma série de reações, quer seja aceitação ou rejeição total ou parcial em torno do produto a ser consumido através da música.

Aspecto fortalecido por Penna (1922, p.12)

se de um lado o compositor exprime elementos do cotidiano captado do social, por um lado o publico pode assumir o papel as ideias, os valores ali difundidos, como também rejeitar esses preconceitos, mas uma vez que estamos com á música diariamente na boca de todos, a repetição proporciona uma troca, uma cumplicidade uma sinfonia melódica com o compositor e suas ideias

Se observarmos mais atentamente as letras das músicas de Luiz Gonzaga que tratam sobre o nordeste podemos identificar facilmente uma unidade temática, representada, através da musicalidade em um estado de melancolia que marca a história de vida do homem que deixa o sertão nordestino em busca de melhores condições social e econômica. No entanto, Luiz Gonzaga nos faz repensar, através de uma volta ao seu lugar de origem na angustia em ter deixado para traz os valores que fazem parte do cotidiano social nordestino.

Essa angustia se caracteriza através da saudade que dialoga com uma ideia cara ao recorte imaginário do nordeste, com o que Durval Muniz de Albuquerque denominou “espaços da saudade”, o nordeste que parece estar sempre no passado, na memória, evocado como espaço para o qual se quer voltar, um espaço que permaneceria o mesmo (ALBUQUERQUE, 2006, p. 84).

A música: "A Triste Partida" no decorrer de seus versos demonstra aos seus ouvintes o sofrimento causado pela seca que ronda a região do Nordeste brasileiro, mostrando o quanto permanece ansioso o agricultor nordestino pela chegada das chuvas, de modo que esta evite problemas referentes à sua plantação e ao seu gado. Como podemos observar abaixo a primeira estrofe da música A triste partida de Luiz Gonzaga

Meu Deus, meu Deus. . .
 Setembro passou
 Outubro e Novembro
 Já tamo em Dezembro
 Meu Deus, que é de nós,
 Meu Deus, meu Deus
 Assim fala o pobre
 Do seco Nordeste
 Com medo da peste,
 Da fome feroz
 Ai, ai, ai, ai

Ao mesmo tempo, a canção reflete as questões culturais e religiosas predominantes no Nordeste, a partir de crenças que supostamente conseguem prever a chegada da chuva, tais como a experiência com as pedras de sal no dia de Santa Luzia, a barra do Natal, como também os apelos feitos à São José.

Apela pra Março
 Que é o mês preferido
 Do santo querido
 Senhor São José
 Meu Deus, meu Deus
 Mas nada de chuva
 Tá tudo sem jeito
 Lhe foge do peito
 O resto da fé

Ai, ai, ai, ai

Uma forma de interpretar essa estrofe pauta-se na questão da religiosidade e da fé do homem nordestino em relação ao seu Santo Padroeiro – São José, referentes à música na qual podemos destacar a principal consequência ocasionada pela ação da seca: o êxodo rural. Tendo em vista que o trabalhador nordestino abandonou seu lar em busca de melhores condições em outro estado e lá, apenas encontrou dificuldades de retornar e mais dívidas o que por sua vez o levava a entristecimento ainda maior e mais profundo, ocasionado pelas saudades que sentia do Sertão nordestino que tanto amou.

Com uma vasta referência pautada na musicalidade regional nordestina, como também em relação à identidade, preconceitos, saudades do homem rural nordestino não seria possível um projeto inovador que não preservasse a identidade de um povo nordestino, sofrido, amargurado com a indústria da seca,

Uma das músicas mais importante de Luiz Gonzaga foi a que ele escreve junto a Humberto Teixeira, “Asa Branca”. Essa música ficou conhecida internacionalmente como a representação do Nordeste, em especial do sertanejo tão cantador nas obras de Luiz Gonzaga. O contexto dessa produção musical insere-se entre as décadas de 40-50 do século passado. Período em que a identidade do Nordeste estava à procura de suas origens.

Na música “Asa Branca” podemos observar nas duas primeiras estrofes, Luiz Gonzaga apresenta o principal elemento de invenção do Nordeste, a seca que é marcante nas suas canções.

Quando olhei a terra ardendo
Qual fogueira de São João
Eu perguntei: Ah, meu Deus do céu, ai
Por quê tamanha judiação
Que braseiro, que fomalha
Nem um pé de plantação
Por falta d'água perdi meu gado
Morreu de sede, meu alazão

O nordestino é colocado como vítima da seca e do destino. Sua vida é de luta e superação. Tais estereótipos possuem uma formação histórica, ganhando visibilidade, dirigindo a imagem do nordestino em todo país, inclusive pelos meios de comunicação. Ainda na primeira parte da música podemos destacar outro elemento importante na construção da identidade nordestina. A religiosidade desse povo que remete a sua própria origem, a sua condição de vida sofrida, brita, solitária. “Eu perguntei a Deus do céu, ai/ porque tamanha judiação”, um povo que mesmo vivendo nessas condições climáticas desfavorável, ainda carrega consigo um elemento que os unificam, a fé.

Na segunda parte da música “Asa Branca”, os autores relatam outro elemento tão formador da identidade nordestina. O regresso ao sertão, essa característica tão marcante na cultura nordestina que mesmo sofrendo as intempéries do clima não deixa morrer as esperanças que um dia a chuva irá voltar e com ela a vontade de reingressar a essa terra “amada”

Até mesmo a asa branca
 Bateu asas do sertão
 Então eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração
 Hoje longe muitas léguas
 Numa triste solidão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim volta pro meu sertão
 Quando o verde dos teus olhos
 Se espalhá na plantação
 Eu te asseguro, não chore não, viu?
 Que eu vortarei, viu, meu coração

O pássaro Asa Branca é símbolo do sertão é o ultimo a deixar o sertão, o sertanejo sabe que quando ela abandona o seu território é porque a seca está se aproximando. E comparando o homem a essa ave, na música de Luiz Gonzaga ele retrata o adeus do homem sertanejo ao seu espaço “amado”.

Esse tema abordado nessa canção como saudade, mas afinal o que é saudade? Segundo Aurélio trata-se de cumprimentos, lembranças afetuosas a pessoas ausentes. Este sentimento é muito bem lembrado nas músicas de Luiz Gonzaga. Como: O sertanejo exilado chora a saudade do torrão nativo; Asa Branca;

Na obra de Luiz Gonzaga a um predomino em representar o nordeste, na fala, no canto, na musicalidade de Luiz Gonzaga foi um revolucionário sanfoneiro compositor e cantor que abriu caminho para o idioma regional. Com Humberto Teixeira formou a dupla certa: logo descobriram que o baião era mais urbanizável dos ritmos nordestinos. O homem se perpetua em sua alma, na memória do povo, integrando a cultura ou desaparecendo com a morte, na proporção da dimensão de sua obra. (Antônio Francisco Costa) Gonzaga se perpetua na música regional nordestina brasileira.

O baião, o maxixe, a polca, a mazurca e a valsa servirão de base para o rei do baião como grande divulgador. Em suas composições e interpretações, Luiz Gonzaga retratava o sofrimento do povo nordestino, a saudade, o êxodo rural do povo nordestino para as grandes capitais do Sul do país. Gonzaga conhecia as distâncias certas dos sentimentos entre os urbanistas e o homem rural.

A música acordeonista tinha o som da terra o qual aprendeu com Januário dos oitos baixos (seu pai), Luiz Gonzaga, observador atento da cultura nordestina, sabia da importância de preservar a memória cultural. Ele transformou em belas canções todo o sofrimento, alegria do homem nordestino sem nunca se afastar de suas origens. Suas canções são de linguagem simples pura e denunciadora. Gonzaga introduziu em suas músicas instrumentos de percussão como o triângulo a zabumba e o pandeiro.

Podemos destacar também que nas canções de Luiz Gonzaga existe um apego ao misticismo, como em canções: Pe. Cícero, Obrigado João Paulo II (1980- Pe. Gothardo - Luiz Gonzaga, Beata Mocinha (29/8/1952-Manezinho Araújo, Zé Renato), A padroeira do Brasil (1955-Luiz Gonzaga e Raimundo Granjeiro). Do seu grande ídolo Lampião (ele faz uma homenagem ao incluir as roupas de Lampião no seu figurino de show). Simbolizando a valentia do homem nordestino. Lampião falou (1981-Venâncio Aparício Nascimento). Sensualidade bem citada nas canções: Cintura fina (26/5/1950-Zé Dantas e Luiz Gonzaga), Xote das meninas; vou te matar de cheiro; Saudade-Qui nem jiló; Saudade de Pernambuco; Acauã.

Na política, vem mostrar aos políticos, através da música que dê trabalho ao homem nordestino, pois ele não é indigno e não precisa de esmolas e sim de trabalho para que possa sustentar sua família com dignidade. Época em que a seca assolava o nordeste e que a indústria politiquera da seca se beneficia, podemos perceber na letra da música Vozes da Seca e em Asa Branca - hino dos nordestinos. Revendo velhos paradigmas da indústria eleitoreira da seca nordestina.

As músicas de Luiz Gonzaga enfocam de forma contundente o regionalismo na maneira de falar, quando trazem o linguajar do cotidiano do homem rural a exemplo da frase “quando oiei a terra ardendo”... “nem um pé de prantação da música Asa Branca de Luiz Gonzaga. Um aspecto que deve ser destacado é em relação ao preconceito linguístico, que sustenta-se na forma de falar corriqueira entre os pares.

Preconceito que vem sendo desmistificado através das letras das canções de Luiz Gonzaga. Êxodo rural: Vemos claramente na música Só deixo meu cariri - Seu grito de apoio ao vaqueiro temido homem das caatingas. Ecologia: Grito de alerta as autoridades para o comércio abusivo e comercialização da carne de charque feita com carne de jumento - Vemos na música: Apologia ao jumento (1976-Luiz Gonzaga e José Clementino. Algodão: O ouro branco (baião, gravado em 13/2/1953-Zé Dantas, Luiz Gonzaga), onde o mesmo fomentava aos sertanejos o plantio do algodão uma das principais economias do nordeste. A letra da música foi sugerida pelo ministro da agricultura - João Cleofas na seca de 1953.

3.3 As músicas de Luiz Gonzaga como proposta metodológica de ensino

Podemos observar nas letras das seguintes músicas: (Légua tirana; A Triste partida; Asa Branca, entre outras), são ícones inspiradas nesses transe da caatinga ingrata. Compositores notáveis como Humberto Teixeira, Zé Dantas e José Marcolino entre outros que aprendeu com Gonzaga a divulgar o baião (corruptela de baiano, lundu-baiano) surgido no século XIX e invadiu o mundo artístico radiofônico e fonográfico em 1944, levam a influência do medieval luso e das manifestações nativas e africanas. O baião encheu o Brasil de Norte a Sul, de Leste a Oeste.

Neste sentido, as músicas de Luiz Gonzaga são sem sombra de dúvidas um banco de dados, referencial as cores e as dores que o nordeste enfrenta e é dita com muita maestria em suas canções. Essas leituras nos permitirão fazer uma análise da realidade do homem nordestino, da sua visão de mundo, dos valores que diz respeito a sua identidade que poderão contribuir para o aprendizado do aluno nessa visão de uma nova escola de qualidade.

O dialogo entre a musica e a região nordeste, pode ser apropriada como uma ferramenta metodológica auxiliar em relação a temáticas que tratam do preconceito regional, da identidade do homem nordestino da volta a sua terra natal, da saudade que homem do interior tem quando migra para as grandes regiões metropolitanas.

É por essa razão que propomos mudanças nesse novo tempo ao inserir a música regionalista como plataforma inovadora de aprendizado e de um trabalho enriquecedor através das músicas de Luiz Gonzaga. Propomos uma prática inovadora, lúdica como facilitadora de discussões e conhecimentos que formarão opiniões nessa dinâmica pluralista que é o uso de textos não escolares como metodologia.

Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores dentro e fora da sala de aula.” (PCN’s, 1997, p. 75-77).

No final desta década o Baião de Luiz Gonzaga que animava os bailes e a festas do sertão vai ditar novos rumos à música regionalista. A era do baião tem início em outubro de 1946, mês da chegada às lojas da gravação dos Quatro Ases e um Curinga, quando a música nordestina devidamente amaciada para o público urbano, alcançava o sucesso e se nacionalizou via rádio, consagrando definitivamente a música nordestina nos meios de comunicação e no mundo do disco.

A música é uma forma de expressão artística, que está presente no cotidiano do ser humano, em diferentes funções e manifestações, dependendo da cultura de uma determinada sociedade ou comunidade. No ambiente escolar, mais especificamente no contexto da educação infantil, a música se torna uma ferramenta importante no desenvolvimento da formação integral do ser.

Na prática escolar, o ensino de música deve ter atenção prioritária, já que falar em ensinar música ou musicalizar é falar em educar pela música, contribuir na formação do indivíduo, como um todo, lhe dando oportunidade de imergir em um imenso universo cultural, enriquecendo sua inteligência através de sua sensibilidade musical. (GODOI, 2011, p. 22)

Na escola, a aula de música não visa à formação de músicos. Através de práticas lúdicas em atividades em grupo, a educação musical procura favorecer a socialização, o desenvolvimento da criatividade, memória, disciplina, desenvolvimento motor, conhecimento e valorização das diferentes manifestações culturais de uma forma geral, além de contribuir para a formação de um ambiente escolar mais alegre, favorecendo o estímulo da aprendizagem.

Entendemos que a nossa proposta é abordar a importância da música regionalista na construção da identidade do indivíduo. A música é universal e por ser universal também é responsável pelo crescimento e amadurecimento do aluno. A música é inclusiva e que leva o indivíduo a refletir mais sobre o que diz as letras das canções. Concordamos com Napolitano (1995, p. 44), quando afirma que

A canção oferece ainda a possibilidade de contato com toda a riqueza e profusão de ritmos do Brasil. Para que a aprendizagem da música possa ser fundamental na formação de cidadãos, é necessário que todos tenham a oportunidade de participar ativamente como ouvintes, intérpretes, compositores e improvisadores, dentro e fora da sala de aula.

A obra de Luiz Gonzaga é bastante representativa, pois, os temas de suas canções traduzem aspectos do povo nordestino, tais como, a seca, as festas típicas, a figura do sertanejo dentre outros temas que fazem parte da realidade regional e cultural do Nordeste. A importância de Luiz Gonzaga no cenário musical nordestino é que este compositor/cantor através de sua arte musical foi o maior divulgador da música tradicional do nordeste, divulgando os saberes e tradições nordestinas, através dos ritmos forró, xaxado, baião e outros. Segundo Albuquerque Jr. (2006, p.155)

Ele vem atender a necessidade de uma música nacional para dançar, que substituísse todas aquelas de origem estrangeira. Daí sua enorme acolhida num momento de nacionalismo intenso, fazendo-o freqüentar os salões mais sofisticados em curto

espaço de tempo. O baião será a música do Nordeste por ser a primeira que fala e canta em nome desta região.

Através da musicalização com os alunos, é possível trabalhar o resgate do conhecimento das músicas tradicionais, e mostrar a sua importância para a cultura de cada povo. No contexto escolar de nossa Região, torna-se fundamental, a partir da educação musical, ensinar aos alunos, sobre a importância da cultura musical nordestina que os definem. Compreendemos que devido à naturalidade com que os ritmos nordestinos, contidos na obra deste autor, tais como xote, baião, dentre outros, fazem parte do contexto cotidiano das pessoas desta região, ao ensinar na perspectiva da educação musical estas práticas, contribuem para ressignificar a tradição musical nordestina, inserindo-a no contexto globalizado.

Aprendemos a ensinar quando nos formamos e formamos sujeitos críticos éticos e plenos de sua cidadania. Entendemos que trabalhar com as músicas de Luiz Gonzaga é sem sombras de dúvidas um banco de dados referencial as cores que o nordeste enfrenta e é dita em suas canções e essas leituras nos permitirão fazer uma análise de materiais não didáticos que poderão contribuir para o aprendizado do aluno nessa visão de uma nova escola de qualidade.

A escola deverá necessariamente mudar sua relação com a mídia, através de uma atitude que inove o ensino e que a escola sai de seus muros e busque outros mundos ao fazerem uso de novas práticas extracurriculares. O caminho da musicologia popular vem sendo cada vez mais delimitada, sem desconsiderar a sua natureza interdisciplinar e Inter profissional. “As tradições identidades e ideologia que a definem, para além das implicações estéticas mais abstratas, como um objeto sociocultural complexo e multifacetado.” (DONAS, 2004, p77).

A escola como propulsora de conhecimentos e de formadora de opiniões, é uma grande incentivadora para novas propostas e para mudanças. Ela tem um papel fundamental numa trajetória de crescimento na construção do saber do indivíduo. Neste sentido, o uso de textos não escolares trará enriquecedoras mudanças significativas no contexto de uma nova prática pedagógica inovadora, lúdica, pois o aluno necessita de outros instrumentos para seu aprendizado e amadurecimento Intelectual e crítico.

O ensino aprendizagem, aprender com o outro, numa intensa relação com uma linguagem que ainda não é muito difundida, que a linguagem da música regionalista nordestina através da discografia de Luiz Gonzaga. Fazer uma releitura das músicas Gonzagueana, neste contexto abrirá um leque de opções para o crescimento do indivíduo

como cidadão cabe à escola fornecer esses instrumentos para que os alunos se tornem leitores críticos não só de textos, mas do mundo que os cerca.

Iniciar o aluno o gosto pela música é de fundamental importância para o seu crescimento. A utilização das músicas Gonzagueana aplicada em sala de aula é uma prática, onde o indivíduo pode sair de suas limitações para ir muito além da sala de aula, evitando assim a monotonia de métodos tradicionais e retrógrados que em pleno século XXI, cheios de novidades e tecnologias, ainda existem profissionais que persistem em não olhar para esse futuro.

Assim, a música regionalista nordestina de Luiz Gonzaga neste contexto irá contribuir como texto pedagógico inovador, que facultaria numa linguagem reflexiva. Portanto afirmamos que essa proposta metodológica será uma ponte entre o aprender brincando e a preservação cultural do cancionário regionalista nordestino Gonzagueana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A utilização da música nas atividades curriculares da escola ainda não se constituiu como uma prática costumeira. A música é democrática e como é lei nas grades curriculares nas escolas brasileiras devem ser aplicadas com consciência de uma novo-velha prática metodológica.

Ela ainda exerce um fascínio e influência nas pessoas, onde a mesma traz a tona os problemas sociais, políticos, religiosos, e culturais de uma cultura puramente nordestina. Despertar nos alunos esses conhecimentos adquiridos ao longo do crescimento do indivíduo permitirá em sua formação consciente de cidadão consciente e capaz de compreender melhor o processo histórico cultural musical o qual estão inseridos.

O presente estudo teve com intuito de apresentar uma proposta de ensino diferente, o aprender através da musica regionalista de Luiz Gonzaga, canções que tratam a realidade por muitas vezes das famílias e dos próprios alunos nordestinos no qual trabalhamos no nosso dia a dia. É nessa construção cultural que pretendemos despertar nos alunos um conhecimento da música regionalista nordestina, pois a partir do momento que ele conhece ele defende e se identifica com suas tradições e raízes.

A diversidade deste patrimônio nordestino permitirá ao indivíduo em sua construção como cidadão consciente e responsável em propagar a música regionalista como parte de seu crescimento, já que nos permitimos estudar e preservar outras culturas que não é a nossa e já fazem parte do cotidiano coletivo brasileiro.

Entendemos que a música Gonzagueana, propicia nos discentes o poder de vivenciar os seus aspectos sociais culturais religiosos e políticos do seu espaço como: o território e o espaço apropriado por uma determinada relação social que produz e mantém a partir de uma forma de poder. Acreditamos ainda, que essa pesquisa possibilita incentivar os alunos adquirirem o prazer da leitura e da pesquisa, através dos diversos gêneros textuais da cultura regionalista mencionadas nas letras das músicas de Luiz Gonzaga.

Portanto, julgamos que é de suma importância a preservação e o resgate das manifestações culturais através das várias vertentes da arte. Partindo do pressuposto desse cenário multicultural que vivenciamos através do aprendizado cotidiano e as expressões que o outro nos oferece deixando em nós seres humanos à visão do artista em relação ao mundo em que vivemos.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr., Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 3 ed. São Paulo: Cortez. 2006
- ALVES, Rubem. **Estória de quem gosta de ensinar** - Editora - Cortez-9-Coleção Polêmicas do nosso tempo-5ª edição-1985
- BITTENCOURT, Circe. *et all* - **O saber histórico na sala de aula**. editora Contexto-2006.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; São Paulo: Difel, 1989.
- COSTA, Antônio Francisco. **ABC do Gonzagão**. Editora Paginae, 2014.
- GODOI, Luis Rodrigo. **A Importância da Música na Educação Infantil**. Londrina: Universidade Estadual de Londrina. 2011. Monografia (Graduação em Pedagogia)-
- HOLLANDA, Heloisa B de e Marcos A. Gonçalves - **Cultura e Participação nos anos 60**. Editora Brasiliense-4ª edição,1985.
- MATTOSO, José. **A Escrita da História: teoria e métodos**. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
- NAPOLITANO, Marcos - **História e Música** -Editora- Autentica-3ª Edição,2005.
- OLIVEIRA, Gildson. **Luiz Gonzaga: O matuto que conquistou o mundo**,1991.
- SOUZA, Marly Gondim Cavalcanti. **Leituras Cruzadas** -Editora Realize -UFPB-João Pessoa, 2010.